

A PARTÍCULA MULTIFUNCIONAL "NA" NO CRIOULO GUINEENSE E A HIPÓTESE DA RELEXIFICAÇÃO

Hildo Honório do Couto (UnB/IESPLAN)

A preposição *na* 'em' existe em praticamente todos os crioulos de base lexical portuguesa e espanhola bem como em variedades não crioulizadas dessas línguas, como é o caso do espanhol de Porto Rico e de Cuba. No português brasileiro, ela não ocorre sob essa forma. No entanto, existe a forma *ni* com o mesmo sentido, como se pode ver em construções infantis como a de (1). Em algumas variedades regionais e/ou níveis de linguagem, ela ocorre até mesmo entre os adultos.

(1) Manhê, a Aninha bateu *ni* mim!

Curiosamente, ela tem sido registrada até mesmo em crioulos de outras bases lexicais como o sranan, o crioulo de Santa Lúcia, o trinidadiano e, talvez, o crioulo holandês das Ilhas Virgens, o jamaicano e o krio da Serra Leoa (Thompson 1961: 112).

Diante dessa ubiquidade, a preposição *na* já foi considerada como um argumento, entre outros, a favor da tese da monogênese portuguesa dos crioulos atlânticos e, talvez, de muitos outros. Porém, sabemos também que a relação de locação, idealmente codificada pela preposição *em* e equivalentes nas demais línguas, é a preposição por excelência. Com isso, a existência de *na* nos mais diversos crioulos se explicaria por tendências universais. Afinal, de um ponto de vista fonético-evolutivo, não seria muito difícil derivar *na* do *in* 'em' do inglês e do holandês nem do *en* 'em' do francês e do espanhol. No caso dos crioulos portugueses, *na* provém claramente da combinação da preposição *em* mais o artigo definido feminino singular *a*, ou seja, *na*.

O objetivo deste ensaio é mostrar que o morfema *na* do guineense efetivamente provém dessa combinação de preposição e artigo definido da língua portuguesa, mas que tomou dela apenas a matriz fonética. A semântica e a função sintática provém das línguas de substrato africanas, como previsto pela hipótese da relexificação, defendida por Lefebvre e colaboradores. A hipótese prevê que praticamente todo o léxico das línguas crioulas passa por esse processo. Um segundo objetivo é mostrar que há uma partícula verbal *na* (doravante naV) com o sentido de imperfectividade (Comrie 1976) que constitui uma única entrada lexical com a preposição *na* (doravante naP). Ou seja, da combinação portuguesa de *em* mais *a* (*na*) surgiram duas formas no crioulo que têm sido entendidas como duas entradas lexicais distintas por diversos investigadores.

Que naP é a preposição por excelência já foi afirmado por estudiosos do crioulo guineense (cf. Kihm 1994). No entanto, nem ele nem outros pesquisadores dessa língua chegaram a reconhecer que ela forma uma única entrada lexical com naV. Para dar início à argumentação em prol dessa tese, apresento em (2) um primeiro exemplo de *na* como preposição.

- (2) Jon *sta na* si kasa
João estar em sua casa
'João está em sua casa'

À primeira vista, a preposição *nada* teria a ver com a partícula verbal, como se pode ver no exemplo de (3), em que IMP está para de imperfectividade, que se traduz em português pelo gerúndio.

- (3) Jon *na* fuma
João IMP fumar
'João está fumando'

É interessante notar que no caboverdiano, às vezes tido como formando uma mesma língua com o guineense, *na* não ocorre nessa função, que é exercida por *sa ta*, como exemplificado em (4). Como preposição, no entanto, *na* é muito freqüente nessa língua.

- (4) El *sa ta* kanta 'Ele está cantando'

Um substratófobo poderia considerar a semântica da preposição *na* e da partícula homônima de imperfectividade progressiva *na* do crioulo guineense como oriundas, ambas, do português. Com efeito, na variedade lusitana do português o equivalente da construção gerundial para a imperfectividade se faz mediante a preposição locativa *a*. De modo que a tradução lusitana da construção guineense (3) e da caboverdiana (4) é a que se vê em (5) (a) e (b), respectivamente. Como veremos mais abaixo, essa tese não tem sustentação.

- (5) (a) João está *a* fumar
(b) Ele está *a* cantar

Um dos argumentos mais convincentes a favor da interpretação de naP (2) e naV (3) como constituindo a mesma entrada lexical é fonológico, ou seja, elas têm a mesma configuração fonêmica. É bem verdade que elas não entraram no crioulo na mesma época. Rougé (1988: 107) afirma que a primeira a ser admitida pela língua é naP. Ainda de acordo com ele, naV derivou de naP.

Khim (1994: 90) não fala dessa possível evolução. No entanto, deriva naV da mesma fonte que naP. Em suas palavras, "do ponto de vista etimológico, não há dúvida de que *na* é um reflexo da preposição portuguesa composta *na* (em + a), que também entrou no crioulo guineense como uma preposição (simples) significando 'em'". Isso parece sugerir que ele atribui uma prioridade cronológica a naP.

Rougé (1988: 107) hipotetiza ainda que naV se teria originado na expressão arcaica *sta na* (literalmente "estar a" do português lusitano), para a qual ele dá a tradução francesa *être en train de*. Ele chegou a relacioná-la com a construção portuguesa *estar a*.

Na construção arcaica *sta na*, naP predomina arrasadoramente. Como se pode ver na Tabela I, de um total de 32 ocorrências dessa expressão, somente em uma *na* está seguido de verbo, ou seja, é naV.

Forma	número de ocorrência	percentagem
<i>sta na</i> + noun	31	96,87%
<i>sta na</i> + verb	1	3,12%
Total	32	100,00%

Tabela I

A ocorrência solitária de *naV* está exemplificada em (6).

- (6) Kau tudu sukuru, ningin ka sta na oja, i bida suma di noti
Lugar tudo escuro ninguém NÃO STA NA ver ele virar como de noite
'O lugar estava completamente escuro, ninguém via nada, era como se fosse noite'

O que é importante registrar aqui é que tanto Rougé quanto Kihm consideram *naP* e *naV* como duas entradas lexicais distintas. No seu dicionário etimológico (Rougé 1988), elas efetivamente constam como duas entradas distintas. Na verdade, praticamente todos os dicionários do crioulo guineense procedem assim.

A despeito de certamente *naV* ter derivado de *naP*, ambas estão bastante vivas na língua atual. Pode ser até que assumam matizes semânticos distintos. Por exemplo, em (2) *naP* significa "no interior de" ao passo que em (7) seu sentido é de "em cima de".

- (7) I karga po *na* kabesa
3PS carregar tora *naP* cabeça
'Ele carregou a tora na cabeça'

Vou ignorar o fato de que os verbos de ação sem nenhuma marca se traduzem pelo pretérito em português.

Como se vê não apenas em Doneux/Rougé (1988) e Kihm (1994) mas também em Peck Jr. (1988), não é só *naP* que tem matizes de significado. *naV* também os tem, além da imperfectividade de (3) e (8).

- (8) I oja lubu *na* pasa, i cama-l
ele ver lobo *naV* passar ele chamar-ele
'Ele viu o lobo passando e chamou-o'

Um outro significado de *naV* é futuridade, incoativa ou imediata, como no inglês "be going to". Em (9) temos um exemplo.

- (9) Bu juda-n me, ma gosi N *na* kume-u
você ajudar-me de-fato mas agora eu *naV* comer-você
'É verdade que você me ajudou, mas agora eu vou comê-lo'

Pelo menos aparentemente, um outro argumento para considerar *na* como uma única entrada lexical multifuncional é o fato de tanto *naP* e quanto *naV* ocorrerem estatisticamente quase na mesma proporção, como se pode ver na Tabela II.

	ocorrências	percentagem
<i>naV</i>	690	58,67%
<i>naP</i>	486	41,32%
Total	1,176	99,99%

Tabela II

Diante do exposto, podemos concluir que efetivamente tanto *naP* quanto *naV* indicam locação. Como *naP*, ela indica a localização espacial, ou seja, que o objeto em questão se encontra no espaço do designatum do nome que vem depois de *naP*. Em alguns casos, essa localização é a não-marcada ou universal (dentro de), como em (2). Em outros, trata-se de localização derivada (em cima de), como em (5). Em outros casos, pode ser até mesmo locação origem (de, desde), como exemplificado em (10).

- (10) i sai *na* si koba
'ele saiu de sua cova'

A locação pode ser inclusive no espaço imaginário de algo abstrato. Em (11), *na* indica localização em algo não físico ou material, ou seja o ato de trabalhar, nominalizado.

- (11) I notsi *na* tarbaju
ele/a anoitecer *naP* trabalho
'Ele ficou no trabalho até a noite'

Como *naV*, *na* indica locação no espaço de duração de uma ação, como em (3), (6), (8) e talvez até mesmo em (9). Nesse último caso, o significado indicado por *na* seria algo como "eu estou no ato de ir te comer" (cf. "I am going to eat you"), embora ainda não o tenha comido, o que faz a construção apresentar um certo ar de futuridade. *Trabalho* (*tarbaju*) é substantivo, mas está relacionado a um verbo inergativo, cujo argumento se comporta como o argumento externo (sujeito) de um verbo transitivo. Isso justificaria a ocorrência de *na* com um complemento nominal. Trocado em miúdos, "*na tarbaju*" equivaleria a algo como "*i na tarbaja*", que seria a construção canônica para "ele está trabalhando". Há outros exemplo do mesmo tipo, como o de (12).

- (12) I *na* burguñu di lanta kabesa
ele vergonha de levantar cabeça
'Ele ficou com vergonha de levantar a cabeça'

Há casos em que fica difícil julgar se *na* está seguida de um verbo ou de um substantivo. É o que acontece com *bua* 'vão/voar' em (13).

- (13) I da kosta son *na* si bua
ele dar costa só *na* seu vão/voar
'Ele lhe deu as costas e se pôs a voar' (lit. "Ele lhe deu as costas em seu vão/voar")

Na verdade, *bua* é basicamente verbo. No entanto, em (13) está precedido do determinante nominal *si* 'seu/sua'.

Os traços lexicais dos substantivos são [+N, -V], ao passo que os dos verbos são [+V, -N]. Isso levá-los-ia a não compartilhar um determinante. No entanto, também advérbios de lugar como *pertu* 'perto' e *lunju* 'longe' podem vir precedidos de *naV*, como exemplificado em (14).

- (14) Kacuris *na* pertu/lunju el
cachorro+PLURAL naV perto/longe ele
'Os cachorros estavam perto/longe dele'

Em suma, existem argumentos etimológicos, sintáticos e semânticos em prol da interpretação de *na* como uma única entrada lexical multifuncional no crioulo guineense. Etimologicamente, vimos que tanto naP quanto naV provieram da preposição portuguesa *em* combinada com o artigo definido feminino singular. O significado básico desse étimo é locação, exatamente como no caso da partícula crioula *na*.

No que concerne à segunda parte de meus objetivos neste pequeno ensaio, parece claro que tanto a origem quanto a sintaxe e a semântica de *na* argumentam a favor da hipótese da relexificação, como defendida por Lefebvre (1986, 1997) e Lumsden (1999), entre outros. O já mencionado Rougé (1988: 107) afirma explicitamente que a função/significado de *na* é um decalque de línguas africanas. Ele fornece o exemplo *wo ti+verbe* do mancanha, que é equivalente à construção francesa *être dans, être en train de*. Na língua mancanha, falada na Guiné-Bissau, ação em andamento é indicada por *ti*.

Kihm (1994: 90) apresenta dois exemplos adicionais de influência do substrato: um do mandinga e outro do manjanco. Em (15) eu reproduzo o exemplo manjaco, língua muito parecida com o mancanha.

- (15) Bu ci *ri* ukij
Eles estar em dança
'Eles estão dançando'

Vejamos, por fim, o exemplo do mandinga mostrado em (16), que é a língua que teve o papel mais importante na formação do crioulo guineense.

- (16) A be taama kaN bedoo kaN
Eles estar andar-em rua-em
'Eles estão andando na rua'

O exemplo de (16) é particularmente interessante porque contém o equivalente de *em* nas duas funções, ou seja, a de preposição (em *bedoo kaN*) e a de partícula verbal (em *taama kaN*). O significado da primeira construção seria algo como "(eles estão) *no* processo de andar", "eles estão *no* andar". O significado da segunda não apresenta nada de especial, ou seja, *taama kaN* quer dizer simplesmente "na rua". A única idiosincrasia da construção mandinga é o fato de *kaN* ocorrer posposto tanto ao verbo quanto ao substantivo.

Parafraseando Lefebvre (1997: 182), poderíamos dizer que o crioulo guineense formou sua entrada lexical *na* copiando a entrada lexical das línguas de substrato e substituindo sua representação fonológica pela matriz fonética *na* (=em+a) da língua lexificadora. Ou seja, as propriedades semânticas e sintáticas são basicamente as das línguas de substrato. Trata-se, portanto, de um caso claro de relexificação.

É um fato que no crioulo tanto naV quanto naP apresentam a idiosincrasia de ocorrer antes da palavra (preposição) a que se referem, ao passo que em mandinga elas ocorrem depois dela (posposição). No entanto, a possibilidade de o crioulo adotar a ordem no interior dos constituintes das línguas de substrato é também prevista pela teoria (Lefebvre 1996: 154). O mais importante é o

fato de que o significado e a função da partícula crioula *na* são as mesmas de *kaN* em mandinga, de *ti* em manjaco e de *ri* em mancanha. Em Doneux/Rougé (1993) pode-se ver que há diversos outros casos, não apenas em mandinga mas praticamente em todas as línguas africanas da região da Guiné.

Um contra-argumento já foi afluído acima, ou seja, os substratófobos vêm a origem da multifuncionalidade de *na* em construções portuguesas como a de (5). A melhor refutação desse possível contra-argumento é que a construção *a*+infinitivo para substituir o gerúndio é inovadora na língua portuguesa. A construção gerúndial vem do latim, de modo que na época da formação do crioulo (a partir do século XV) já se dizia "a fumar, a cantar", mas a forma viva originária era "fumando, cantando". Segundo Ebehard Gärtner (c.p.) "a construção mais antiga, a meu ver, é o gerúndio, que se deriva diretamente do ablativo do gerúndio latino, com função adverbial, geralmente de tempo, ou seja, simultaneidade". Wolf Dietrich (c.p.) estudou o fenômeno detalhadamente. Para ele, "as perífrases de gerúndio são mais antigas e que as de infinitivo, são uma inovação bastante recente que já não chegou ao Brasil. Efetivamente, os exemplos que se encontram na literatura medieval mostram que a construção *estar a + inf.*, bastante rara, não era gramaticalizada, mas significava 'estar em algum lugar/em alguma posição fazendo X'". Portanto, os superstratistas que querem derivar tudo no crioulo da língua lexificadora não têm razão neste caso.

Uma outra possibilidade, que não a superstratista e a substratista-relexificacionista, é a de que esse tipo de multifuncionalidade seria uma tendência geral das línguas. Como sabemos, em situações de contato de línguas essas tendências tendem a vir à tona. Tanto isso é verdade que Comrie (1976) apresenta diversos casos, em línguas tipologicamente diferentes. Até mesmo em línguas indígenas sul-americanas isso acontece, como em xipaya, em que a imperfectividade ocorre somente quando o verbo está na primeira pessoa. Em (17) e (18) vemos alguns exemplos, tirados de Rodrigues (2001: 178).

- | | |
|---|--|
| (17) xita kuxáma <i>he</i>
peixe panela de barro LOC
'O peixe está na panela' | (17') senapy-i du-kua <i>he</i>
homem-PL 3s-roça LOC
'Os homens estão na roça deles' |
| (18) una takariña abáku <i>he</i>
1S galinha matar MOD
'Eu estou matando galinha' | (18') uzudy aká tutu <i>he</i>
1PL casa lavar MOD
'Nós estamos lavando a casa' |

A autora parafraseia os exemplos de (18) como "eu estou dentro (da ação de) matar galinha" e "eu estou dentro (da ação de) lavar a casa". Isso seria um argumento independente em prol da multifuncionalidade da partícula crioula *na*.

De qualquer forma, se encontrássemos uma língua crioula que apresentasse este fenômeno, mas suas línguas de substrato não, isso poderia ser considerado como uma refutação da hipótese da relexificação. Mas, como essa situação ainda não foi encontrada, as previsões dessa hipótese continuam de pé.

Para concluir, gostaria de lembrar que *na* não é o único caso de multifuncionalidade no guineense. Abaixo temos uma lista de outras entradas lexicais multifuncionais.

- ku* (ver Lumsden 1999: 136 para o haitiano *ak*)
preposição: *Ŋ na fika ku bo suma bu minjer* (eu naV ficar com você como sua mulher)
'Eu vou ficar com você como sua mulher';

- conjunção: *Bajudas ku rapasis e sai* (moças com rapazes eles sair) 'As moças e os rapazes saíram'
kuma (ver Kihm 1990 para discussão sobre o assunto)
- conjunção: *I fala elis kuma pa e peral* (ele dizer eles KUMA para eles esperar-ele) 'Ele lhes pediu que o esperassem'
- verbo: *Jon kuma, i na bai Bisau* (João [fala] KUMA, ele naV ir Bissau) 'João disse que estava indo a Bissau'
- pa* (ver Kihm 1994: 70, 188-190 para pormenores)
- verbo: *N misti pa bu bai* (eu querer para você ir) 'Eu quero que você vá'
- preposição: *i bai pa Dakar* (ele ir para Dakar) 'Ele foi para Dakar'

Referências

- Bakker, Peter (1989). Relexification in Canada: The case of Métif. *The Canadian journal of linguistics* 34(3).339-350.
- Comrie, Bernard. 1976. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DeGraff, Michel (ed.) 1999. *Language creation and language change*. Cambridge: The MIT Press.
- Doneux, J. L. & J.-L. Rougé (1993). Gramática das línguas do país, gramática do crioulo. *Papia* 2,2.50-58.
- Kihm, Alain. (1990). Complementizer, verb, or both? Kriyol KUMA. *Journal of pidgin and creole languages* 5:1.53-70.
- Kihm, Alain. (1994). *Kriyol syntax*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Lefebvre, Claire. 1986. Relexification in creole genesis revisited: the case of Haitian creole. In: Muysken & Smith (orgs.) *Substrata versus universals in creole genesis*. Amsterdam: Benjamins, p. 279-277.
- Lefebvre, Claire (1996). The functional category "agreement" and creole genesis. In: Wekker, H. (ed.) *Creole languages and language acquisition*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 153-183.
- Lefebvre, C. (1997). Relexification in creole genesis: the case of demonstrative terms in Haitian creole. *Journal of pidgin and creole languages* 12:2.181-201.
- Lefebvre, Claire. 1998. Multifunctionality and variation among grammars: The case of determiner in Haitian and in Fongbe. *Journal of pidgin and creole languages* 13,1.93-150.
- Lefebvre, C. (2001). Multifunctionality and the concept of lexical entry. *Journal of pidgin and creole languages* 16:1.107-145.
- Lumsden, John. 1999. Language acquisition and creolization. In: DeGraff (org.): 129-157.
- Peck Jr., S. (1988). *Tense, aspect and mood in Guinea-Casamance Portuguese Creole*. Los Angeles: University of California Dissertation.
- Rodrigues, Carmen L. R. 2001. Morfemas locativos e direcionais em xipaya. In: Cabral, A. S. A. C. & A. D. Rodrigues (eds.) *Estudos sobre línguas indígenas*. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará & ANPOLL, p. 177-192.
- Rougé, J.-L. (1988). *Petit dictionnaire etymologique du kriol de Guinée-Bissau et Casamane*. Bissau: INEP.
- Thompson, R. W. 1961. A note on some possible affinities between the creole dialects of the Old World and those of the New. *Proceedings of the conference on creole language studies*. Londres: MacMillan, p. 107-113.